



GT 017. Antropologia das Relações Humano-Animal

Andréa Barbosa, Osório Sarandy (UFF) - Coordenador/a, Flávio Leonel Abreu da Silveira (UFPA) - Coordenador/a

O campo das relações humano-animal, ou Animal Studies, teria emergido na década de 1970 em meio a movimentos de proteção animal que, não obstante, remontam ao século XIX. Na verdade, os animais participam das análises antropológicas há muito tempo. Algumas análises identificaram dois paradigmas correntes: um que pode ser chamado de materialista, em busca do animal real?; e outro semiótico, pós-estruturalista ou simbólico, em busca de representações. Mais recentemente, a emergência de reflexões sobre o perspectivismo ameríndio realçou a centralidade dos animais em aspectos da vida religiosa e cosmológica de populações ameríndias, com um forte impacto nas conhecidas relações entre natureza e cultura. O presente Grupo de Trabalho pretende ser um espaço para reflexões teóricas e pesquisas empíricas acerca das relações entre animais humanos e não humanos, a partir de um viés antropológico. Serão aceitos trabalhos tanto sobre as percepções simbólicas quanto sobre relações concretas materiais entre ambos. Entre eles, destacam-se produções voltadas aos animais de estimação, de abate, de tráfico, animais da fauna silvestre brasileira ou estrangeira, caça, criações, rinhas, concursos, turismo, animais de laboratório; em meio urbano, rural ou entre populações ameríndias e mesmo fora do continente americano; relações cotidianas, científicas, religiosas, alimentares, ideológicas, morais, artísticas, legislativas, políticas públicas, saúde, entre outras possibilidades.

ONTOLOGIAS E SERES DA NATUREZA: as existências ameríndias e suas políticas

Autoria: Antonio Augusto Oliveira Goncalves

Neste texto, pretendo seguir algumas linhas de reflexão suscitadas pelo giro ontológico na antropologia. A questão que move o presente work é: o foco dessa vertente no processo de produção de seres, cosmologias, afecções, em cindir dualismos e buscar outros mundos possíveis? (VIVEIROS DE CASTRO, 2008b), se mostra pouco preocupada com os ímpetus, sejam políticos, econômicos e as relações de poder, que constroem esta viagem rumo ao pensamento ameríndio? Em termos gerais, a antropologia ontológica problematiza os princípios ou coordenadas básicas nos modos de conceber o mundo e as relações entre os viventes, sejam eles humanos ou não. A premissa da multiplicidade faz com que a ideia de que há um único mundo com distintas representações sobre ele seja substituída pela existência de múltiplos mundos, cindidos por diferenças radicais. Com isto, defende-se a alternativa de que existem outras realidades que nós não acessamos por conta dos nossos quadros conceituais (TOLA, 2016). Não é por acaso que Holbraad (2014) defina o giro enquanto uma intervenção metodológica, porquanto é apenas através da etnografia que nós podemos acessar a esta diferença radical e simultaneamente deturpar as nossas categorias, revendo os limites do nosso aparato conceitual em aprender com ela. Além de suspender e redefinir certos conceitos, como a de mundo, crença, representação e identidade, os/as principais expoentes desse campo tendem a questionar os divisores modernos e as oposições binárias do Ocidente e talvez seja, justamente, esta posição teórica fulcral que permita aproximar linhas de pensamento de autores/as tão distintos/as tais como Roy Wagner, Marilyn Strathern, Bruno Latour, Eduardo Viveiros de Castro e Tim Ingold. Ao longo deste work, almejo focar nos textos de ontologistas no âmbito nacional, proponho assim rever algumas ideias de Mauro Almeida (2013), e, além disso, não posso me furtar de perquirir os escritos daquele que é considerado um/a dos/as precursores/as do giro ontológico no Brasil, Viveiros de Castro (2006; 2008a; 2008b; 2015). Entretanto, antes de embrenhar-me nas matas ameríndias ou suspeitar da presença de ?Caipora? no Alto Juruá, farei uma breve visita a Madagascar, na qual pretendo refletir sobre a teoria do contrapoder imaginário de David Graeber (2011). Independente da proximidade e/ou distância de Graeber em relação aos/as ontologistas no Brasil, buscar esta saída pela tangente serve para calibrar a minha pergunta no início deste



resumo: será que a aposta ontológica nas multiplicidades necessariamente despolitiza? Os dados etnográficos e as categorias de cada um destes autores provavelmente devem deslocar a minha indagação para diferentes matizes políticos.

[Trabalho completo](#)



Realização:



Apoio:



Organização:

